



## **PERCEPÇÃO DE DOCENTES A RESPEITO DA PRÁTICA DE BULLYING NA ESCOLA**

PERCEPTION OF TEACHERS ABOUT THE PRACTICE OF  
BULLYING IN SCHOOLS

Por:

**Alexandre de Paula e Silva**

*e-Revista Facitec, v.4, n.1, Art.6, jan-jul 2010*

[http://www.facitec.br/erevista/index.php?option=com\\_content&task=view&id=9&Itemid=2](http://www.facitec.br/erevista/index.php?option=com_content&task=view&id=9&Itemid=2)

---

Todos os direitos, inclusive de tradução, são reservados. É permitido citar parte de artigos sem autorização prévia desde que seja identificada a fonte. A reprodução total de artigos é proibida. Os artigos só devem ser usados para uso pessoal e não comercial.

Em caso de dúvidas, consulte a redação: [revistafacitec@facitec.br](mailto:revistafacitec@facitec.br).

A e-Revista Facitec é a revista eletrônica da FACITEC, totalmente aberta, inaugurada em Janeiro de 2007, com perfil acadêmico, é dedicada a professores, pesquisadores e estudantes. Para mais informações consulte o site [www.facitec.br/erevista](http://www.facitec.br/erevista).

---

*e-Revista Facitec ©2007 Faculdade de Ciências Sociais e Tecnológicas*

***Agradecimentos sinceros aos alunos do curso de Pedagogia  
que colaboraram para a realização da pesquisa.***

Percepção de docentes a respeito da prática de *Bullying* na escola.

Alexandre de Paula e Silva



## **PERCEPÇÃO DE DOCENTES A RESPEITO DA PRÁTICA DE *BULLYING* NA ESCOLA**

PERCEPTION OF TEACHERS ABOUT THE PRACTICE OF BULLYING  
IN SCHOOLS

### **RESUMO**

A violência juvenil é preocupante em todo o mundo, sendo, portanto, um grave problema de saúde pública. Este estudo de campo teve como objetivo avaliar a percepção de professores a respeito do *bullying* no contexto escolar. Para a coleta de dados foram aplicados questionários presenciais a 69 profissionais com idade média de 34 anos, 71% do sexo feminino, que trabalham em séries da educação infantil ao Ensino Médio, com tempo médio de 9,8 anos na docência. A maioria dos pesquisados percebe o *bullying* como um conjunto de atitudes agressivas intencionais e repetitivas, sendo os sinais mais evidentes da ocorrência de *bullying* a agressividade, a insegurança, o isolamento e a resistência a ir para a escola. O principal motivo que dificulta a identificação do *bullying*, segundo amostra, é a falta de conhecimento sobre o assunto, e uma das ações mais importantes a serem desenvolvidas pela escola e/ou profissional da educação é o monitoramento das dificuldades dos jovens em seu convívio social. Conclui-se que os participantes percebem a gravidade do *bullying* no ambiente escolar, quando ressaltam a importância dos educadores e da escola tomarem várias medidas de intervenção e combate a esse tipo de comportamento.

Palavras chave: *Bullying*, Professor, Agressão, Violência, Escola.

### **ABSTRACT**

Youth violence is a concern throughout the world and is therefore a serious public health problem. This field study aimed to evaluate the perception of teachers about the bullying in the school context. For data collection were administered face-to 69 professionals with an average of 34 years, 71% of women employed in a series of early childhood education to high school with a mean of 9.8 years in teaching. A majority of respondents perceive bullying as a set of aggressive attitudes and intentional repetitive being the most obvious signs of the occurrence of bullying aggression, insecurity, isolation, resisted going to school. The main reason that hinders the identification of bullying second sample is the lack of knowledge on the subject and one of the most important actions to be developed by the school and / or professional education is the monitoring of the difficulties of young people in their living-social. Conclui that participants perceived the seriousness of bullying in the school environment where stress the importance of educators and schools to take various measures of intervention and combat such behavior.

Key-words: Chaves: *Bullying*, Teacher, Aggression, Violence, School.



## INTRODUÇÃO

A preocupação com a violência no ambiente escolar não é recente, tendo crescido principalmente após a década de 1980. No ambiente escolar deveriam predominar sentimentos e lembranças de cooperação, amizade, companheirismo e, sobretudo, respeito pelas diferenças individuais e de opinião. Todavia, nesse mesmo ambiente têm sido registradas situações provocadoras de medo, hostilidade, horror, indignação e sentimentos de perplexidade em decorrência da manifestação cada vez mais elaborada de comportamentos agressivos entre alunos, alunos e professores e vice-versa. O comportamento agressivo, repetitivo e intencional direcionado a um alvo em específico, denominado *bullying*, não é um fenômeno raro nem novo. Sempre existiu, porém o que assusta profissionais da educação e estudiosos do comportamento humano é o fato de se manifestar cada vez mais precocemente e de forma mais elaborada entre os alunos mais jovens, como na utilização das novas tecnologias de comunicação e informação, para agredir outro colega. Nos Estados Unidos, por exemplo, nos casos em que alunos armados invadiram as escolas e atiraram contra tudo e contra todos, a maioria deles tinha sido vítima de *bullying* e objetivava matar a "escola". Lopes-Neto (2005), Antunes e Zuin (2008) destacam que a manifestação da violência no ambiente escolar é reflexo das próprias contradições de uma sociedade capitalista, competitiva, individualista, consumista e, principalmente, excludente e violenta. O ambiente escolar ainda é percebido pelos jovens como um meio que possibilita mobilidade social e como um caminho para a superação da barbárie. O *bullying* é um grave problema de saúde pública, produz consequências negativas para todos os envolvidos e exige imediata intervenção da sociedade, da escola e da família para evitar uma progressão da violência e consequências nocivas para todos os envolvidos. Durante a realização desta pesquisa, buscou-se responder à seguinte



pergunta: Qual a percepção dos professores a respeito do *bullying* no contexto escolar? Este estudo teve como objetivo geral: analisar a percepção de professores a respeito do *bullying* no contexto escolar; e como objetivos específicos: 1) identificar os possíveis comportamentos de *bullying* na opinião dos professores; 2) verificar os possíveis sinais e sintomas nos alunos vítimas de *bullying* conforme a percepção do professor; 3) averiguar os principais fatores que poderiam dificultar ao profissional da educação a identificação de situações de *bullying* e 4) listar o grau de importância de ações que poderiam vir a ser desenvolvidas pela escola e/ou profissional da educação diante de uma situação de *bullying* na escola. Para tanto foram elaboradas as seguintes hipóteses: H1: A maioria dos professores pesquisados consegue identificar os comportamentos de *bullying* direto; H2: Mais de 50% da amostra investigada acredita que os meninos são naturalmente mais agressivos fisicamente do que as meninas; e H3: A maioria da amostra possui dificuldade em identificar comportamentos de *bullying* indireto.

## REVISÃO DE LITERATURA

Para compreensão do conceito e da manifestação do *bullying* no ambiente social e escolar, a revisão de literatura do presente estudo foi segmentada nos seguintes subtópicos: conceito e origem do comportamento agressivo, conceito de *bullying*, impacto e consequências do *bullying* na escola, personalidade do agressor e da vítima de *bullying* e como a escola deve agir diante do *bullying*.

### Comportamento agressivo: conceito e origem

Conforme Rodrigues (1999) e Charlot (2002), a agressão e a violência humana não são um fenômeno novo, estando presentes nas conversas cotidianas, seja no trabalho, seja no meio familiar e/ou social. A mídia veicula diariamente vários episódios descritos minuciosamente em



que uma ou mais pessoas causaram danos a outra pessoa de forma gratuita, deliberada ou vingativa, com requintes de crueldade, frieza ou destempero. Segundo estes autores, a violência e a agressão sempre estiveram presentes na história da humanidade em todas as épocas e lugares e variam muito em intensidade dependendo do tipo de sociedade e cultura humana (ARONSON, WILSON e AKERT, 2002).

Kristensen et al (2003), Aronson, Wilson e Akert (2002) e Rodrigues (1999) afirmam que o fenômeno da agressão em seres humanos tem sido abordado por diferentes áreas como a sociologia, biologia, antropologia e a psicologia. Todavia, falta um consenso entre cientista, filósofos e outros estudiosos a respeito da origem do comportamento agressivo como fruto do instinto ou da aprendizagem, fato este que tem conduzido a realização de estudos sobre o comportamento agressivo na tentativa de decifrá-lo de modo a impedir sua progressão e suas consequências.

A discussão sobre a origem do comportamento agressivo não é recente. Thomas Hobbes (1651, apud RODRIGUES, 1999) defendia a ideia de que os seres humanos em seu estado natural são brutos e violentos e somente a imposição da lei e da ordem na sociedade é que poderia controlar suas tendências más e seu instinto natural para a agressão.

Rodrigues (1999), Aronson, Wilson e Akert (2002), Kristensen et al (2003) afirmam que não há uma única explicação para o comportamento agressivo. A psicanálise, como a sociologia, dentre outras correntes teóricas defendem a ideia da existência de uma base biológica para o comportamento agressivo, como sendo intrínseco à natureza humana. Por outro lado, psicólogos sociais acreditam que o comportamento agressivo é uma resposta natural a uma situação geradora de frustração. Os teóricos da aprendizagem defendem o pressuposto que o comportamento agressivo é aprendido em razão de normas sociais e culturais, principalmente devido às experiências de socialização. Anderson e Bushamam (2002, apud SOUZA-FILHO et al, 2005) destacam que as crenças representam um papel de prontidão para a agressão. Em outras



palavras, os indivíduos que acreditam no comportamento agressivo como a solução para os problemas e se julgam capazes de desenvolver certos atos agressivos com eficácia manifestarão esses comportamentos com frequência quando tiverem oportunidade.

A agressão pode ser compreendida como sendo todo comportamento onde há a intenção de causar danos físicos ou psicológicos a outra pessoa ou a algum objeto. De acordo com essa definição, pode-se presumir segundo estes autores que somente pode ser caracterizado como comportamento agressivo um ato que deliberadamente tenha a *intenção de causar um dano ou dor a outra pessoa, ou a destruir algum objeto*, como nos casos de vandalismo. Nesse sentido, para a avaliação do comportamento agressivo é imprescindível considerar a intenção do agressor (RODRIGUES, 1999; ARONSON, WILSON e AKERT, 2002).

Lysak, Rule e Dobbs (1989, apud RODRIGUES, 1999) destacam que a percepção de inevitabilidade pode ser um determinante no comportamento agressivo. Dito de outro modo, se a pessoa percebe o ato agressivo como intencional, é provável que suscite uma reação agressiva da vítima.

Para Beato, Peixoto e Viegas-Andrade (2004), tanto a criminalidade quanto a violência são decorrentes de fatores, tais como: predisposições pessoais, forças socializantes da família, dos pares e da escola, influência da comunidade como também de arranjos institucionais de diversas naturezas.

Pais (2008) sugere que a violência protagonizada por alguns jovens nas escolas é uma máscara que oculta de forma sutil a violência com que esses jovens se deparam diariamente. Relatórios consultados sobre as escolas de risco da Diretoria Regional de Ensino de Lisboa indicam que os principais fatores da violência escolar são exógenos à escola. A criança que convive em condições precárias de moradia, pobreza extrema, dramas familiares, tráfico de drogas, prostituição e grupos de assaltantes



é vulnerável à violência social. Para esse autor, a escola também pratica a violência contra os alunos quando discrimina alunos de diferentes etnias, classes sociais e cultura.

Estudo realizado por Siqueira (1996) com 116 adolescentes do sexo masculino, por meio de observações da trajetória de vida de meninos institucionalizados no Centro de Ressocialização de Menores, entre 1971 e 1981, verificou que estes são oriundos de precárias condições de vida, acentuada desagregação familiar e abandono. Outro estudo conduzido por Maldonado e Williams (2005) a respeito do comportamento agressivo de meninos nas escolas do ensino básico constatou que as crianças oriundas de famílias em situação de risco, como problemas de saúde, uso e abuso de álcool e drogas, apresentam comportamento agressivo na escola. O ambiente agressivo gera a aprendizagem de comportamentos também agressivos como forma de resolução de problemas (LISBOA et al, 2002).

Para os teóricos da Psicologia da Aprendizagem, o comportamento agressivo pode ser aprendido de duas maneiras: pela aprendizagem **instrumental** e pela aprendizagem **observacional** (BANDURA, 1973 apud RODRIGUES, 1999). No caso da aprendizagem instrumental, qualquer comportamento que é reforçado ou recompensado tem maior probabilidade de ocorrer no futuro. Esse reforço ocorre por meio de aprovação social, aumento do status, dinheiro, ou a evidência de que o sofrimento causado no outro pode servir como uma espécie de reforço. Na aprendizagem observacional, segundo os pesquisadores, a criança ou o jovem poderia aprender o comportamento agressivo pela observação de pessoas tidas como "modelo". Estudos desenvolvidos por Bandura, Ross e Ross (1961, 1963 apud RODRIGUES, 1999) demonstram que a observação do comportamento agressivo de adultos afetaria a escolha de brincadeiras pelas crianças. Nesse sentido, Aronson, Wilson e Akert (2002) destacam que a agressão infantil pode ser gerada pela imitação de modelos agressivos, seja em situações face a face, seja assistindo à violência em filmes ou na televisão.



Rodrigues (1999) lembra que o comportamento agressivo pode ser influenciado por diferentes fatores ambientais, como: o contato e/ou visualização de objetos violentos, como as armas; uma provocação direta, seja física ou verbal com intenção de provocar dano em outra pessoa; o comportamento agressivo como sendo decorrente da obediência de uma ordem superior; a desindividuação, ou seja, nas situações em que as pessoas raramente são identificadas. Rodrigues também aponta a família como um possível fator gerador do comportamento agressivo. Pais que adotam práticas punitivas, físicas ou verbais, acabam por modelar a agressão como um comportamento natural para solução de problemas. Estudos realizados por Wolfe, Joffe, Wilson e Zak (1985 apud MALDONADO e WILLIAMS, 2005) destacam que, quando comparadas as crianças de famílias violentas e não violentas, as crianças expostas à violência familiar apresentavam significativa prevalência de problemas comportamentais e reduzida competência social.

Dollard, Doob, Miller, Mowrer, Sears (1939 apud RODRIGUES, 1999) e Charlot (2002) afirmam que o comportamento agressivo pode ser derivado de situações ambientais geradoras de frustração que, por sua vez, provocariam o comportamento agressivo.

Winnicott (1956, apud SOUZA e CASTRO, 2008) ressalta que as crianças que manifestam tendências antissociais, como o comportamento agressivo, são aquelas cujo desenvolvimento foi bloqueado de alguma forma. Para o autor, o comportamento agressivo é, de alguma forma, um pedido de ajuda da criança. Nesse sentido, a escola se torna um ambiente propício à manifestação da agressividade infantil quando ela não encontra continência necessária aos seus impulsos no seio familiar e quando apresenta a esperança e a confiança de que a escola possa cumprir essa função. Estudo realizado por Maldonado e Williams (2005) conclui que o comportamento agressivo das crianças em sala de aula pode ser entendido como um pedido de ajuda, já que a manifestação da agressividade é um forte indicador de que a criança se encontra em



situação de risco. Souza e Castro (2008) ressalta que ainda que a agressividade infantil reflita a esperança de suprir as necessidades também acaba por provocar hostilidade, desejos de retaliação ou mesmo evasão por parte dos professores.

Para Aronson, Wilson e Akert (2002) o nível de agressividade pode estar ligado ao gênero. Estudos destacam que o nível de testosterona pode estar associado às causas do comportamento agressivo como também a ingestão de bebida alcoólica. Deaux e Lafrance (1998, apud ARONSON, WILSON, e AKERT, 2002), quando da observação de crianças durante brincadeiras, constatou que entre os meninos predominavam mais empurrões, cutucadas e pancadas do que entre meninas. Assim, em todo o mundo, o número de homens presos por crimes violentos, como assassinatos e assaltos a mão armada, é bem superior às mulheres. Waiselfisz (1998, apud SISTO, 2005) indicou que os meninos estão mais envolvidos em situações de agressão física, discussão e ameaça ou intimidação no interior da escola. Para Lopes-Neto (2005), comportamentos como apelidos, agressões físicas, ameaças, roubos, ofensas verbais são quatro vezes mais frequentes entre os homens.

Após a revisão de literatura, Souza-Filho et al (2005) constataram que homens e mulheres diferem em suas tendências agressivas, especialmente quanto à agressão física e aos comportamentos mais violentos. Em princípio, a agressão direta é usada preferencialmente pelos homens enquanto as mulheres usam mais a indireta. Para os autores os pais tendem a tratar diferenciadamente seus filhos, encorajando-os ou desencorajando-os a certos comportamentos de acordo com o sexo.

Para Rodrigues (1999), Aronson, Wilson e Akert (2002), a agressão pode ser classificada predominantemente em dois tipos: **hostil**, **instrumental** e **sancionada**. O primeiro caso se refere à agressão que deriva de estados emocionais fortes, como a raiva, e tem por objetivo básico causar dano a uma pessoa ou objeto a fim de satisfazer impulsos hostis. No segundo caso, instrumental, a agressão visa a prejudicar, ferir,



magoar alguém apenas como um meio de atingir outro objetivo. Desse modo o comportamento agressivo pode ser duplamente motivado pelos dois tipos de agressões.

De acordo com Charlot (2002), a agressão é um ato que implica uma brutalidade física ou verbal. A violência enfatiza o uso da força, do poder e da dominação. Toda agressão é, de certa forma, violenta, na medida em que usa a força. Todavia, é pertinente distinguir entre a agressão que utiliza a força apenas de maneira instrumental da agressão violenta na qual a força é utilizada muito além do que é exigido pelo resultado, como uma espécie de prazer de causar mal, de destruir, de humilhar. Pesquisadores franceses distinguem violência, transgressão e incivilidade. Violência deve ser reservado ao que ataca a lei com uso da força ou ameaça usá-la. A transgressão é o comportamento contrário ao regulamento interno, e a incivilidade não contradiz nem a lei nem o regimento interno, mas as regras de boa convivência. Para Charlot, é imprescindível essa diferenciação, visto que, em cada situação, diferentes atores devem ser acionados, como a polícia, o conselho de disciplina, ou o desenvolvimento de um trabalho educativo. Entretanto, em decorrência dos últimos acontecimentos na sociedade, essa distinção tem se tornado frágil, visto que os comportamentos quotidianos têm se misturado a violências, transgressões e incivildades. Pequenas grosserias, piadas de mau gosto, recusa ao trabalho e indiferença ostensiva para com o ensino cria um clima em que professores e alunos sentem-se atacados em sua identidade pessoal e profissional. Ou seja, o ataque à dignidade merece o nome de **violência**.

Estudos indicam haver um "continuum" de violência na escola, indo da palavra ofensiva ao crime mais grave, como o homicídio ou o roubo. Ainda, conforme este autor, os incidentes violentos se produzem sobre um fundo de tensão social e escolar forte cujo mínimo conflito já é capaz de provocar um ato violento. Por outro lado, afirma Charlot que é raro



encontrar alunos violentos entre os que encontram **sentido** e **prazer** na escola.

Para Oliveira e Martins (2007), a violência é fruto da profunda desigualdade entre as classes sociais, a imposição de regras coletivas e a repetição de modelos familiares. Na escola, a agressividade e a violência é uma realidade que ocorre quando os alunos destroem a escola, nas relações aluno/aluno, aluno/professor e aluno/funcionário.

Alunos com dificuldades escolares, de interação social, que manifestam agressividade encontram suas origens tanto dentro quanto fora da sala de aula. Alguns destes comportamentos são criados e/ou reforçados dentro dela mesma, sendo necessário o desenvolvimento de procedimentos orientados à prevenção e agravamentos dos problemas diversos, oriundos dos distúrbios de comportamentos ou emocionais (CALIMAN, 2006).

Dessa forma, Antunes e Zuin (2008) afirmam que a violência no ambiente escolar é antiga e se manifesta segundo o senso comum em comportamentos de indisciplina, delinquência e problemas de relacionamento, sendo vários os conceitos que incluem a violência escolar, tais como: conduta antissocial, distúrbio de conduta ou *bullying* e, conforme Smith (2008), o comportamento agressivo, principalmente, se observado em crianças muito pequenas, é bastante preocupante, pois gera problemas de longa duração, tais como: evasão escolar, delinquência e violência. Tremblay (2000, apud SOUZA e CASTRO, 2008), ao analisar estudos longitudinais sobre a agressividade infantil, observou que o aprendizado do comportamento de agressão física tem início nos anos pré-escolares, o que indica a necessidade de uma possível intervenção nesse período.

Pode-se concluir que o comportamento agressivo se manifesta de diferentes maneiras na sociedade, no ambiente familiar como na escola, sendo denominado *bullying* quando apresenta características específicas como será descrito no próximo subtópico.



### *Bullying*: conceito e origem

A principal diferença entre o *Bullying* e os outros tipos de violência é que no *bullying* existe a possibilidade de causar traumas irreparáveis ao psiquismo das vítimas, o que comprometerá sua saúde física e mental, além do desenvolvimento socioeducacional. Outro aspecto de extrema relevância que distingue o *bullying* de uma brincadeira inofensiva é, na brincadeira, todos os envolvidos se divertem, enquanto que no comportamento de *bullying* percebe-se o requinte de crueldade, perversidade e segundas intenções, que extrapolam o bom senso e os limites suportáveis e aceitáveis. Nesse caso, a vítima de *bullying* fica constrangida, não se sente à vontade ou não gosta de uma determinada brincadeira (LOPES NETO, 2005).

O termo *bullying* é utilizado na literatura psicológica anglo-saxônica para designar comportamentos agressivos e antissociais nos estudos sobre violência escolar, podendo ser definido como sendo o desejo consciente e intencional de maltratar outra pessoa e colocá-la sob tensão (TANTUAM e HERBERT, 1999 apud FANTE & PEDRA, 2008 e LOPES NETO, 2005).

#### O *bullying* compreende

todas as atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudantes contra outro(s), causando dor e angústia, sendo executadas dentre de uma relação desigual de poder (LOPES NETO, 2005, P.2005).

#### Assim, ele

pode ser definido como o conjunto de comportamentos agressivos, físicos ou psicológicos, como chutar, empurrar, apelidar, discriminar e excluir que ocorrem entre colegas sem motivação evidente e repetidas vezes sendo que um grupo de alunos ou um aluno com mais força vitimiza outro que não consegue encontrar um modo eficiente para se defender (ANTUNES; ZUIN, 2008, p. 34).

No ambiente escolar, para que um comportamento seja tido como *bullying*, é necessário verificar a intencionalidade do agressor em manifestar atitudes agressivas e repetitivas com motivação de causar

Percepção de docentes a respeito da prática de *Bullying* na escola.

Alexandre de Paula e Silva



algum tipo de sofrimento, seja físico e/ou psicológico. Nesse tipo de ambiente, também é verificado que, em geral, o *bullying* acontece quando há uma relação desigual de poder por meio do qual a vítima é de alguma forma intimidada. O *bullying* no ambiente escolar é um problema de extrema gravidade, epidêmico, específico, destrutivo e, sobretudo, um problema social, é uma questão de saúde pública. O *bullying* pode ser praticado por um único indivíduo ou por um grupo de indivíduos que agridem uma ou mais pessoas que, num dado momento, são incapazes de se defender. Esse tipo de comportamento pode ser observado em diferentes tipos de ambientes, como na escola, na família e/ou no trabalho (LOPES-NETO, 2005 e FANTE; PEDRA, 2008).

Palácios e Rego (2006) e Fante e Pedra (2008) destacam que o *bullying* é o termo que tem sido utilizado para designar uma prática perversa de humilhações sistemáticas de crianças e adolescentes no ambiente escolar, podendo ser classificado em direto e indireto. Um dos principais objetivos do comportamento de *Bullying* é ofender e/ou ridicularizar a vítima. A associação Brasileira de proteção à infância e adolescência (ABRAPIA) identifica como ações que podem ser caracterizadas como ***bullying* direto**: constranger, aterrorizar, apelidar, ofender, zoar, ignorar, intimidar, humilhar, discriminar, amedrontar, tyrannizar, agredir, roubar ou quebrar pertences. O ***bullying* indireto** envolveria ações como: atitudes de indiferença, isolamento, difamar, ignorar, excluir, dentre outras. Estudo realizado pela ABRAPIA, em 2002, demonstrou que, dentre as 11 escolas do Rio de Janeiro, da 5ª. à 8ª. série, 16,9% dos alunos pesquisados relataram ter sido vítimas de *bullying*. Esses autores ressaltam que comunidades virtuais no Orkut têm sido utilizadas por outras pessoas como um meio de incentivo à violência e ao trote. Entre essas ações podem-se constatar atitudes explícitas como também atitudes bastante sutis e dissimuladas de ação do agressor (LOPES NETO, 2005).



O comportamento de *bullying* está presente em qualquer faixa etária e nível de escolaridade, todavia, a incidência parece ser maior entre os alunos do sexto e nono anos do Ensino Fundamental. Nessa faixa etária, observa-se o "psicoterrorismo", ou seja, quando um aluno ou um grupo de alunos dissemina medo e terror por meio de ameaças, perseguições, intimidações e maus tratos, sejam físicos ou verbais. Na adolescência, embora aumente a gravidade e a intensidade dos ataques, há uma diminuição da frequência e do registro de *bullying* (LOPES NETO, 2005; FANTE, 2008)

Em síntese, o *bullying* pode ser caracterizado como um comportamento agressivo, repetitivo e intencional direcionado a um alvo específico, podendo ocorrer por um único indivíduo ou por um grupo de pessoas, de maneira direta e explícita, como também de forma indireta e sutil.

Entre as causas do desenvolvimento do *bullying*, há indicações de desestruturação familiar, relacionamento afetivo pobre, excesso de tolerância ou de permissividade, como a prática de maus tratos físicos ou explosões emocionais, que favorecem o comportamento agressivo nas crianças. Quando ocorre no ambiente escolar, o *bullying* estará influenciando diretamente na formação de valores e caráter de todos os envolvidos, gerando repercussões na vida pessoal, familiar, profissional e social. Além disso, há uma relação direta entre *bullying* e formação de gangues, uso de drogas e armas, violência doméstica e sexual (LOPES NETO, 2005).

Em resumo, o comportamento agressivo como o *bullying* pode ser motivado por fatores econômicos, sociais, culturais, aspectos inatos de temperamento, influências familiares, de amigos, da escola e da comunidade. Suas consequências poderão ser predominantemente danosas para todos os envolvidos.



### *Bullying* na escola: impacto e conseqüências

As crianças que não gostam da escola têm maior probabilidade de apresentar desempenho insatisfatório, problemas físicos, emocionais e sentimentos de insatisfação com a vida. A aceitação pelos companheiros é fundamental para o desenvolvimento da saúde das crianças e adolescentes, aprimorando suas habilidades sociais e capacidade de reação diante de situações de tensão. O *bullying* é um problema universal e diz respeito a uma forma de afirmação de poder interpessoal por meio da agressão. Tanto o comportamento agressivo como a vitimização produzem conseqüências negativas para os envolvidos, agressores, vítimas e observadores (LOPES NETO, 2005).

O professor parece ter se tornado um refém da violência na escola, restando apenas um misto de resignação, desconforto e desimbubênciã perante os efeitos de violência no cotidiano prático, na medida em que também são vítimas da violência. Ou seja, a escola não é somente reprodutora das experiências de opressão, de violência, de conflitos, mas também produz sua própria violência e sua própria indisciplina (AQUINO, 1998).

As escolas, bem como os alunos, podem reagir ao ataque do *bullying* de modo diferenciado. Muitos repudiam as ações dos agressores quando presenciam as situações de constrangimento, todavia outros nada fazem para intervir. Alguns apoiam essa prática com risadas e consentindo com as agressões. E há ainda os que fingem se divertir com o sofrimento das vítimas. Ao reagirem ao *bullying*, cada um à sua maneira, as pessoas acabam por assumir diferentes papéis, como os que participam ativamente da agressão (auxiliares), os que incitam e estimulam o autor (incentivadores), os que observam ou se afastam (observadores) e os que buscam proteger a vítima ou buscam algum tipo de ajuda (defensores) (LOPES NETO, 2005).



Para Fante e Pedra (2008), a maioria das escolas não está preparada para enfrentar diretamente a questão do *bullying*. São diversas as razões que podem explicar essa ineficácia da escola, como a inexistência de reflexões profundas e busca de soluções conjuntas e permanentes, visto que a agressão gratuita é um problema social. Na escola ninguém fica a salvo do *bullying*. Professores podem ser os agressores como serem as vítimas dos alunos ou dos próprios colegas de trabalho. A escola e seus representantes precisam estar atentos o suficiente para identificar o *bullying* e diferenciá-lo das brincadeiras que são próprias do amadurecimento das crianças, como também dos outros tipos de violência. Outro agravante apontado pelos autores é que algumas escolas insistem em não reconhecer a sua ocorrência no ambiente escolar, talvez por medo de perder clientela ou sofrer algum tipo de condenação. A denúncia é o principal meio para a interrupção do *bullying*, porém a prevenção é mais eficiente quando desenvolvida em conjunto com a família. Nesse sentido, a escola deve formar uma equipe que possa desenvolver atividades preventivas e capacitar os profissionais da escola para atuar de modo eficaz e eficiente. Profissionais da escola precisam ser capacitados para observar, identificar, diagnosticar, intervir e encaminhar corretamente os casos de *bullying*. Cabe à escola também promover atividades que estimulem a cooperação, a prática da assertividade, a empatia, o altruísmo, a solidariedade e, principalmente, o respeito ao próximo.

Levantamento nacional realizado por Codo (1999, apud SISTO, 2005) constatou que as depredações, furtos ou roubos, agressões físicas entre alunos e agressões de aluno contra professores são as situações mais frequentes relatadas por professores.

Para Bandeira e Batista (2002) é indiscutível a necessidade de avaliar o preconceito como uma das fontes da violência. Tanto a afirmação e a manipulação da diferença como a sua negação ou dissimulação são formas de não reconhecimento das diferenças ou a falta de respeito à sua



existência, o que cria novos padrões de violência. Situações que envolvem discriminação, menosprezo, humilhação, desqualificação, intimidação e exclusão nas relações entre gênero, na esfera de trabalho e nas posições de poder, constituem formas produtoras e reprodutoras do preconceito e uma forma de violência. O preconceito acontece numa relação interpessoal quando se relaciona com o outro, o diferente, a partir da negação ou desvalorização da identidade do outro e da supervalorização ou afirmação da própria identificação.

As consequências do *bullying* podem ser graves e irreversíveis. Para Smith (2008), independentemente do potencial intelectual, alunos com distúrbios de comportamento ou emocionais tendem ao fracasso escolar. O insucesso escolar gera dificuldades tanto na escola como na vida pessoal do aluno, conduzindo-o à evasão escolar. Para Smith, a identificação e o atendimento precoce das crianças com distúrbios são necessários, visto que os problemas de comportamento parecem seguir uma progressão caso não ocorra um diagnóstico e uma intervenção eficaz. Sem intervenção os problemas tendem a persistir e a se manifestar na vida adulta.

O *bullying* e a vitimização apresentam consequências negativas imediatas para os agressores, vítimas e observadores, e os comportamentos agressivos que ocorrem nas salas de aula são costumeiramente percebidos pelos professores, pais e funcionários da escola como reações naturais, sendo negligenciados ou não valorizados. Além disso, a maioria dos atos de *bullying* ocorre na ausência de um adulto. Como uma boa parte das vítimas não reage ou não fala sobre a agressão sofrida, esses fatos só favorecem a impunidade e a perpetuação desse tipo de comportamento. A vítima de *bullying* pode vir a desenvolver sinais e sintomas clínicos devido ao estresse sofrido, sendo necessário, nos casos em que se percebem alterações de personalidade, intensa agressividade e distúrbios de conduta por longo período, uma avaliação psiquiátrica e/ou psicológica (LOPES-NETO, 2005).



### Personalidade do agressor e da vítima de *bullying*

Lopes-Neto (2005) destaca a presença de uma relação desigual de poder entre agressor e vítima no caso de *bullying*. Geralmente existem entre os envolvidos diferenças relacionadas a idade, tamanho, desenvolvimento físico ou emocional e apoio dos demais alunos.

As **vítimas** do *bullying* costumam possuir algumas características em comum. Geralmente são pessoas que apresentam poucas habilidades de socialização, são retraídas, tímidas, não dispõem de recursos, status ou habilidades para reagir ou fazer cessar as condutas agressivas contra si. São tidas como diferentes dos demais alunos por demonstrarem insegurança, coordenação motora pouco desenvolvida, extrema sensibilidade e passividade, submissão e baixa autoestima, como dificuldade em ser assertivo, ansiedade, irritação e aspectos depressivos. Em geral, possuem poucos amigos, são pessoas passivas, retraídas, infelizes, sofrem com a vergonha, medo, depressão e ansiedade. Sua autoestima pode estar tão comprometida que acreditam ser merecedoras dos maus-tratos sofridos (LOPES NETO, 2005; FANTE, 2008).

Por outro lado, os **agressores** costumam agir impulsivamente, são imaturos emocionalmente, possuem dificuldade de concentração, agem de maneira provocadora, sendo em grande parte responsabilizados por causar tensão no ambiente em que se encontram. O autor do *bullying* costuma ser uma pessoa popular entre os estudantes, mais forte fisicamente do que seu alvo sente prazer em dominar, controlar e causar danos e sofrimento a outros e vale-se de sua força física ou da habilidade psicoemocional para menosprezar e desferir uma infinidade de ataques, seja físicos, verbais, sexuais, psicológicos, materiais ou virtuais. São menos satisfeitos com a escola e a família e mais propensos ao absenteísmo e à evasão escolar e apresentam maior chance de desenvolverem comportamentos de risco, como o uso de álcool, drogas,



portar armas, além de frequentemente estarem envolvidos em confusões e desentendimentos. (LOPES NETO, 2005; FANTE, 2008)

Lopes Neto (2005) afirma que, aproximadamente, 20% dos alunos autores também sofrem *bullying* e apresentam uma combinação de baixa auto-estima, atitudes agressivas, podendo ser depressivos, inseguros, inoportunos e utilizam da humilhação da vítima para esconder suas próprias limitações. Para este autor, os agressores são predominantemente impopulares e apresentam alto índice de rejeição entre os colegas, sendo mais frequente a presença de pensamentos suicidas e distúrbios psiquiátricos. Uma questão que merece destaque é o fato de que algumas vítimas podem, no futuro, se tornar também agressores. Essa situação ocorre, por exemplo, quando a vítima passa a se integrar a grupos para revidar os maus tratos sofridos, ou ainda quando em grupo escolhe uma vítima como bode expiatório. Nos casos extremos, as vítimas agressoras, de posse de armas e explosivos, voltam à escola em busca de justiça. Assim, até mesmo a internet e o celular enquanto veículos de comunicação têm sido usados para discriminar, ameaçar, difamar, etc. A agressão via internet recebeu o nome de *cyberbullying*. Neste caso, os agressores se utilizam do anonimato para desenvolver ataques diretos ou indiretos.

Cohen, Kluegel e Land (1981 apud BEATO, PEIXOTO; VIEGAS-ANDRADE, 2004) afirmam que fatores como exposição, proximidade da vítima ao agressor, capacidade de proteção, atrativos das vítimas e natureza dos delitos acabam por influenciar no risco de vitimização. Sendo assim, as vítimas se tornam mais atrativas quando oferecem menor possibilidade de resistência ou proporcionam maior retorno esperado ao crime.

Tanto agressores como vítimas necessitam de ajuda, pois apresentam distúrbios emocionais e/ou comportamentais. De acordo com Smith (2008), os distúrbios emocionais ou comportamentais podem ser classificados em exteriorização, interiorização e de baixa incidência. Na



exteriorização, o indivíduo é agressivo, questionador, impulsivo, coercitivo e inflexível. Na interiorização, predominam características como: isolamento, timidez, retraimento social, podendo até apresentar tendências suicidas, baixa auto-estima, etc. Algumas crianças delinquentes possuem distúrbios comportamentais ou emocionais na medida em que praticam atos ilegais como roubos e assaltos. O termo distúrbio emocional ou comportamental refere-se a

uma deficiência caracterizada por respostas emocionais e comportamentais às regras culturais e étnicas anormais para a idade que afetam desfavoravelmente o desempenho educacional, a qual se refere às habilidades acadêmicas, sociais, vocacionais e pessoais (SMITH, 2008, p.230).

As vítimas de *bullying* podem apresentar um conjunto de sinais e sintomas que incluem relatos de medo, resistência a ir à escola, tristeza, insegurança por estar na escola, mau rendimento escolar, atos deliberados de autoagressão, perda de memória, síndrome do intestino irritável, cefaleia, enurese noturna, queixas visuais, tentativa de suicídio dentre tantas outras. As pessoas que sofrem *bullying*, quando crianças, são mais propensas a sofrerem de depressão e baixa autoestima. Quando adultos, apresentam comportamentos antissociais, instabilidade no emprego e relacionamentos afetivos pouco duradouros (LOPES NETO, 2005).

#### Como a escola deve agir diante do *bullying*

Conforme Faleiros e Faleiros (2007), a escola é um espaço privilegiado para a construção da cidadania, onde um convívio harmonioso deve ser capaz de garantir o respeito aos direitos humanos e educar a todos no sentido de evitar a manifestação da violência. As marcas físicas deixam sequelas psicológicas invisíveis e profundas. A violência, muitas vezes, começa em casa, justamente no local que deveria abrigar, proteger e socializar. O combate à violência só será possível pela mobilização de



uma rede de proteção integral em que a escola se destaca como possuidora de responsabilidade social ampliada.

Todavia, nem sempre a escola cumpre o seu papel de agente transformador e conscientizador. Sposito (2001) destaca que as incivildades podem indicar um conjunto de insatisfações dos alunos diante da experiência escolar, havendo dificuldade da escola na criação de possibilidades para tratar o conflito no âmbito da convivência democrática. Na revisão de literatura, esta autora cita situações de extrema violência conduzida em massa pelo corpo discente como uma rebelião coletiva em situações de ociosidade na escola, falta de professores, ou em situações de interrupções repentinas do fornecimento de energia elétrica no período noturno.

Problemas relacionados à violência escolar são antigos. Em outros países como EUA, França, Reino Unido, Espanha, Argentina e Chile existe tradição na implantação de programas para redução da violência no ambiente escolar (CHRISPINO, 2007).

Charlot (2002) afirma que a violência no ambiente escolar não é um fenômeno radicalmente novo, todavia as suas manifestações sofreram variações após 1980 até os dias atuais. Por exemplo, os ataques a professores ou os insultos que lhes são dirigidos já não são tão raros, o que contribui para o crescimento da angústia social. Outra mudança é o envolvimento de jovens cada vez mais novos, com idade entre 8 a 13 anos. Professoras da escola maternal relatam que se defrontam com fenômenos novos de violência em crianças de 4 anos. Nesse contexto, a escola deixou de ser um lugar protegido e até mesmo "sagrado" para se tornar um espaço de agressões vindas de "fora".

Para Oliveira e Martins (2007), diante do cenário de violência na escola, alguns professores sentem-se desorientados enquanto outros se colocam numa postura de indiferença. Assim, muitos docentes delegam à famílias a responsabilidade da questão da violência, livrando a si e a

Percepção de docentes a respeito da prática de *Bullying* na escola.

*Alexandre de Paula e Silva*



escola dessa responsabilidade. Segundo esses autores, os professores podem promover mudanças de leitura de mundo que cerca os alunos.

Estudo conduzido por Souza e Castro (2008), quando da investigação da agressividade infantil no ambiente escolar por meio de entrevistas a professores de uma escola pública de São Paulo, constatou que as atitudes mais citadas como agressivas envolvem a rebeldia e a agressão física entre os alunos.

Professores e demais profissionais que trabalham em escolas e creches devem estar preparados para identificar situações de maus tratos e conhecer procedimentos necessários para comunicar a autoridade competente. A escola e o educador exercem influência constante e ativa nos cuidados com as crianças. Ao educador compete identificar situações, encaminhar, ouvir, acolher a família. Todavia há o medo do profissional de se envolver em conflitos particulares, por represálias e o não conhecimento do seu papel no problema (GRANVILLE-GARCIA et al, 2009).

Além disso, os professores, em virtude do contato direto e diário com os seus alunos, possuem maior chance de identificação e de possível ajuda às crianças e adolescentes vítimas de maus tratos. O grau de suspeita pode variar desde um leve indício até o relato explícito da criança ou do adulto que o acompanha (GRANVILLE-GARCIA et al, 2009).

Para Beato, Peixoto e Viegas-Andrade (2004), a existência de guardiões, no caso da escola de adultos, são extremamente importantes como mecanismos de controle social que ajudam a inibir o comportamento agressivo. Na sociedade como um todo, a ausência de um guardião, vizinho, amigos, parentes ou transeuntes desinibe a ocorrência da violência por terceiros.

O sindicato dos estabelecimentos de ensino do Rio de Janeiro (SINEPE), ao pesquisar jovens entre 14/18 anos, verificou que a violência é o maior problema na sociedade atual na opinião dos alunos pesquisados. Todavia os jovens ainda acreditam na escola como instrumento de



mobilidade. Sendo a escola o universo que reúne alunos diferentes, ela é o palco onde certamente o conflito se instalará. E se o conflito é inevitável, é preciso aprender o ofício da mediação do conflito. A mediação induz atitudes de tolerância, respeito, responsabilidade e iniciativa individual, contribuindo para uma nova ordem social. As escolas, por sua vez, podem assumir a existência do conflito, transformando-o em oportunidade, ou negar a sua existência (CHRISPINO, 2007).

Para Oliveira e Martins (2007), a escola e a família, assim como os meios de comunicação, têm grande importância no diálogo e na construção de uma visão crítica sobre a questão da violência. Sendo assim, a escola deve cumprir o seu papel social, e uma das decisões que precisam ser tomadas é o desenvolvimento e a manutenção da chamada política de tolerância zero para com a prática do *bullying* como de qualquer outro tipo de violência no ambiente escolar (PALÁCIOS; REGO, 2006).

## METODOLOGIA

### Tipo de Pesquisa

O presente estudo pode ser classificado quanto aos fins e quanto aos meios (VERGARA, 2008). Quanto aos fins, trata-se de uma pesquisa descritiva, uma vez que a finalidade é analisar a percepção de docentes a respeito da ocorrência do *bullying* no contexto escolar. No que diz respeito aos meios, pode ser classificado como pesquisa bibliográfica, na medida em que permite revisão de literatura em livros e periódicos científicos, e como estudo de campo, visto que, enquanto pesquisa empírica, investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto real.



## Amostra

A amostra dessa pesquisa de campo refere-se a 69 profissionais da área da educação lotados em escolas públicas e/ou particulares do Distrito Federal, sendo predominantemente assim caracterizada: idade média de 34 anos (mínimo de 18 anos e máximo de 55 anos, DP =9,08), sexo feminino (71%); com tempo médio de trabalho na docência de 9,8 anos (mínimo =01 anos, máximo =27 anos e DP=6,08). Os profissionais pesquisados trabalham predominantemente: escola particular (50,72%), escola pública (24,63%) e em ambas (17,40%). Quanto à série/turma com que predominantemente trabalham, os pesquisados responderam: Educação Infantil (33,33%); Ensino Fundamental (anos iniciais) 34,78%; e ensino médio (18,85%). Quanto à titulação e formação, constatou-se que a amostra é heterogênea. Os participantes afirmaram ser graduados em Pedagogia (47%); Letras (14,50%); Educação Física (5,15%); Matemática (2,90%), Ciências Biológicas (2,90%), dentre outros cursos. Quanto à titulação, 33% se declararam com terceiro grau incompleto, 35% graduados, 7,3% especialistas e 18,9% com mestrado. A maior parte da amostra possui pelo menos um filho (72,50%).

## Instrumento

O questionário utilizado nesse estudo foi elaborado por meio de consulta a livros e artigos sobre *bullying*, em conjunto com um grupo de 8 alunos do curso de Pedagogia da FACITEC, participantes de um projeto de pesquisa. Inicialmente foi elaborado um roteiro de entrevista composto por 6 questões abertas cujo objetivo era investigar quais comportamentos caracterizam um aluno agressivo, a intenção de um comportamento agressivo, as razões para a manifestação de um comportamento agressivo em sala de aula ou na escola, a reação ao comportamento agressivo, os comportamentos próprios de uma criança considerada não agressiva e o que se sabe a respeito do que se denomina como *bullying*. Após realização



de 18 entrevistas, elaborou-se um questionário, aplicado como pre-teste. Revisado o questionário, aplicado e discutidos os objetivos iniciais desse estudo, finalizou-se com a elaboração do questionário utilizado nesse estudo e descrito a seguir.

Para coleta de dados foi utilizado um questionário composto por 5 questões: 4 relativas ao assunto investigado e 1 sobre dados demográficos. A primeira questão, composta por 7 itens, busca investigar quais os possíveis comportamentos identificados como sendo bullying. A segunda questão investiga os prováveis sinais e sintomas de alunos alvos de *bullying*. Para responder a essa questão, o respondente deveria analisar e assinalar qualquer um dos 25 itens representativos de sinais e sintomas de bullying. Na terceira questão, com 11 itens, busca-se verificar quais as possíveis dificuldades do profissional da educação em identificar situações de *bullying*. Nas três primeiras questões, o respondente poderia assinalar um ou mais item, sendo verificado posteriormente a frequência e a porcentagem. Para a quarta questão, utilizou-se uma escala de importância variando em 11 pontos: zero (nada importante) a dez (muito importante). Nessa questão foram apresentados 21 itens representativos de ações a serem tomadas pela escola e/ou profissional da educação quando da ocorrência de uma situação de violência no ambiente escolar. No tocante aos dados demográficos, procurou-se investigar nos 9 itens: idade, gênero, curso de formação ou graduação, tempo como docente, titulação, local de trabalho, turma com que trabalha, se tem filhos e quantos.

## Procedimentos

Antes da aplicação dos questionários, os alunos componentes do grupo de pesquisa foram devidamente orientados quanto à abordagem do profissional da educação em escolas públicas e particulares no que diz respeito à própria apresentação e ao estudo realizado em questão. Durante os meses de agosto e setembro, os alunos do grupo aplicaram



questionários a professores da rede de ensino do Distrito Federal, sendo recebido um total de 69 questionários preenchidos.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A seguir são apresentadas 5 tabelas, conforme os dados obtidos nesse estudo, com a aplicação de questionários numa amostra de 69 profissionais da educação da Rede Pública e da particular de ensino do Distrito Federal.

Tabela 1: Comportamentos identificados como *Bullying*.

	Itens	f	%
1	Desejo consciente e deliberado de maltratar uma outra pessoa e colocá-la sob tensão.	40	58
2	Uma reação ao comportamento agressivo provocado inicialmente por outra pessoa.	16	23,19
3	Conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente adotado por um ou mais alunos contra outro (s).	46	66,67
4	Comportamento agressivo que visa prejudicar, ferir ou magoar alguém apenas como um meio de atingir outro objetivo, sendo, portanto, diferente de uma provocação.	25	36,23
5	Comportamento cruel intrínseco nas relações interpessoais em que os mais fortes convertem os mais frágeis em objetos de diversão e prazer através de brincadeiras que disfarçam o propósito de maltratar e intimidar.	25	36,23
6	Comportamentos agressivos e antissociais nos estudos sobre violência escolar.	39	56,52
7	Fofocas, boatos maliciosos, comentários irônicos, etc.	28	40,58

Legenda: f=frequência % = porcentagem

Amostra: 69 participantes

Fonte: Pesquisa de campo

Conforme demonstrado na Tabela 1, apresenta-se a frequência e a porcentagem para cada item investigado quando da solicitação ao respondente que assinalasse os possíveis comportamentos mais identificados como sendo *bullying*. Obteve-se em ordem decrescente de resposta: "conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação, adotadas por um ou mais alunos contra outro" (66,67%); "desejo inconsciente e deliberado de maltratar uma outra



“pessoa e colocá-la sob tensão” (58%); “comportamentos agressivos e antissociais nos estudos sobre violência escolar” (56,52%); “um tipo de agressão relacional onde uma pessoa tenta ferir a outra por meio da agressão verbal, como: fofocas, boatos maliciosos, comentários irônicos, etc.” (40,58%). Por outro lado, na opinião da amostra pesquisada, apenas 23,19% consideram como *bullying* “uma reação ao comportamento agressivo provocado inicialmente por outra pessoa”; 36,23% da amostra assinala como sendo o “comportamento agressivo que visa prejudicar, ferir ou magoar alguém apenas como um meio de atingir outro objetivo, sendo, portanto, diferente de uma provocação”; e outros, 36,23% dos respondentes, assinala como sendo um “comportamento cruel intrínseco nas relações interpessoais, em que os mais fortes convertem os mais frágeis em objetos de diversão e prazer por meio de brincadeiras que disfarçam o propósito de maltratar e intimidar”.

Esses dados podem indicar que a amostra pesquisada compreende o *bullying* como sendo predominantemente todo comportamento “onde há a intenção de causar danos físicos” ou psicológicos em outra pessoa como sugere Rodrigues (1999) e Aronson et al (2002). Sendo assim, pode-se afirmar que a **hipótese 1** desse estudo foi confirmada, visto que a maioria dos respondentes parece identificar com mais facilidade *bullying* direto. Todavia, pode-se inferir que há uma certa dificuldade da amostra em diferenciar o *bullying* de uma simples provocação, de identificá-lo como sendo um comportamento cruel intrínseco e que também pode ocorrer de maneira mais indireta e disfarçada. Esses dados comprovam Aronson et al (2002), quando este afirma não haver um consenso na comunidade científica a respeito da origem do comportamento agressivo, como também do fato de poder ocorrer sob a forma de assédio moral e/ou sexual e de forma simbólica. Talvez haja dificuldade da amostra em discriminar a agressão hostil da instrumental, como na diferenciação do *bullying* direto para o indireto (LOPES NETO, 2005), visto que para a



avaliação do comportamento agressivo é preciso considerar a intenção do agressor.

Alem disso, como ressalta Lopes Neto (2005), é preciso distinguir *bullying* de uma brincadeira inofensiva, uma vez que esses comportamentos estão costumeiramente sendo percebidos pelos professores, pais e demais profissionais da escola como reações naturais, sendo negligenciados ou não valorizados. Outro fator que pode dificultar ou mesmo impedir a percepção dos profissionais da educação é, segundo esse autor, que a maioria dos atos de *bullying* ocorre na ausência da presença de adultos. Dessa forma faz-se necessário da parte do educador maior atenção, perspicácia e acompanhamento da interação entre os alunos sob sua responsabilidade.

Tabela 2: Sinais e sintomas de alunos alvos de *Bullying*.

	Itens	f	%
1	Agressividade	53	76,81
2	Alterações do sono	25	36,23
3	Anorexia (redução ou perda de apetite, inapetência, disorexia.)	18	26,09
4	Ansiedade	35	50,72
5	Atos deliberados de auto-agressão	23	33,33
6	Bulimia (apetite insaciável, "fome de boi")	19	27,54
7	Cefaleia (dor de cabeça)	23	33,33
8	Depressão	38	55,07
9	Desmaios	12	17,39
10	Dor epigástrica (dor de estômago)	15	21,74
11	Dores em extremidades	04	5,8
12	Enurese noturna (incontinência de urina, enuresia, xixi noturno)	20	28,99
13	Insegurança por estar na escola	53	76,81
14	Irritabilidade	39	56,52
15	Isolamento	48	69,57
16	Mau rendimento escolar	45	65,22
17	Pânico (susto ou pavor repentino que provoca grande reação)	23	33,33
18	Paralisias	07	10,14
19	Perda de memória	06	8,7
20	Queixas visuais	11	15,94
21	Relatos de medo	28	40,58
22	Resistência em ir à escola	48	69,57
23	Síndrome do intestino irritável (desinteria, cólicas e evacuações)	17	24,64
24	Tentativas de suicídio	22	31,88
25	Vômitos	18	26,09

Legenda: f=frequência %= porcentagem

Amostra: 69 participantes

Fonte: Pesquisa de campo



Quando apresentada a amostra estudada, uma lista com 25 comportamentos indicativos de possíveis sinais e sintomas de alunos alvos de *bullying*, obteve-se em ordem decrescente de resposta: "agressividade" (76,81%); "insegurança por estar na escola" (76,81%); "isolamento" (69,57%); "resistência a ir à escola" (69,57%); "mau rendimento escolar" (65,22%); "irritabilidade" (56,52%); "ansiedade" (50,72); "depressão" (55,07%). Foram menos considerados pelos pesquisados os seguintes comportamentos: "dores em extremidades" (5,8%); "perda de memória" (8,7%) e "paralisias" (10,14%).

Os dados obtidos nessa questão possibilitam afirmar que talvez a amostra pesquisada tenha mais facilidade em observar ou constatar o *bullying* direto do que o indireto, visto que vários sinais e sintomas diversos foram assinalados pelos respondentes com menos frequência nessa questão e pelo fato de que, de acordo com Lopes-Neto (2005), Fante e Pedra (2008), as vítimas de *bullying* em geral não comunicam a agressão sofrida. Conforme Deaux e Lafrance (1998 apud ARONSON et al, 2002), Waiselfisz (1998 apud SISTO, 2005), Lopes-Neto (2005) e Fante e Pedra (2008), a agressão direta é mais frequentemente manifestada por meninos sendo portanto mais facilmente observável do que o *bullying* indireto utilizado pelas meninas. É preciso destacar também que vítimas de *bullying* desenvolvem sinais e sintomas como reação ao estresse sofrido (LOPES-NETO, 2005; FANTE e PEDRA, 2008).

Desse modo, é possível afirmar que a hipótese 3 foi confirmada, uma vez que a maioria da amostra pesquisada desse estudo não percebe o *bullying* como um comportamento agressivo que visa prejudicar, ferir ou magoar alguém apenas como um meio de atingir outro objetivo ou como sendo um comportamento cruel intrínseco nas relações interpessoais em que os mais fortes convertem os mais frágeis em objetos de diversão e prazer e ainda como comportamento agressivo e antissocial que também pode ocorrer por meio de fofocas, boatos maliciosos, comentários irônicos, etc. A maior parte da amostra pesquisada não reconhece o *bullying* como



uma possível reação ao comportamento agressivo provocado inicialmente por outra pessoa. Os profissionais da educação reconhecem como sinais de alunos alvos de *bullying* a ansiedade, resistência a ir à escola e, com menos frequência, sintomas psicossomáticos, como paralisias, cefaleia, desmaios, bulimia, dores em extremidades, irritabilidade, relatos de medos, dentre outros apresentados na questão.

Tabela 3: Motivos que dificultam o profissional a identificar situações de *Bullying*.

	Itens	f	%
1	Da falta de conhecimento sobre o assunto e o problema em questão.	57	82,61
2	Do medo de vir a ser a próxima vítima do <i>Bullying</i> .	12	17,39
3	Da ausência de adultos por perto quando ocorre o ataque agressivo.	26	37,68
4	De acreditar que os alunos devem resolver por si mesmos os seus problemas.	14	20,29
5	Da dificuldade em agir com determinação e firmeza frente aos conflitos dos alunos.	24	34,78
6	De acreditar que o <i>Bullying</i> é uma brincadeira própria da idade.	18	26,09
7	De acreditar que o <i>Bullying</i> faz parte da idade e do amadurecimento psicológico do aluno.	15	21,74
8	De acreditar que os meninos são naturalmente mais agressivos fisicamente do que as meninas, sendo normal esse tipo de ataque.	21	30,43
9	De acreditar que o ataque <i>Bullying</i> ocorre somente em grupo e não individualmente.	9	13,04
10	Do clima de silêncio da escola a respeito do <i>Bullying</i> .	21	30,43
11	Da vítima não reagir ou não falar sobre a agressão sofrida.	48	69,57

Legenda: f=frequência %= porcentagem

Amostra: 69 participantes

Fonte: Pesquisa de campo

Ao serem investigados a respeito dos principais fatores que dificultam ao profissional da educação na identificação de situações de *bullying*, a maior parte da amostra apontou predominantemente dois fatores a saber: "falta de conhecimento sobre o assunto e o problema em questão" (82,61%); "da vítima não reagir ou não falar sobre a agressão sofrida" (69,57%), corroborando Lopes-Neto (2005) e Fante e Pedra (2008). Foram indicados com menor frequência pela amostra outros fatores, tais como: "da ausência de adultos por perto quando ocorre o ataque agressivo" (37,68%); "do clima de silêncio da escola a respeito do *Bullying*" (30,43%); "de acreditar que os meninos são naturalmente mais



agressivos fisicamente do que as meninas, sendo normal esse tipo de ataque” (30,43%).

Pelos dados apresentados, pode-se supor que, ainda que a maioria dos pesquisados afirmem que a falta de conhecimento seja um dos principais fatores apontados, a maioria desse mesmo grupo parece não acreditar que os meninos sejam naturalmente mais agressivos que as meninas, que o *bullying* seja uma brincadeira de criança e ainda que o *bullying* ocorra somente em grupo e não individualmente, confirmando estudos e pesquisas de Aronson et al (2002), Sisto (2005), Lopes Neto (2005) e Fante e Pedra (2008). Desse modo, pode-se afirmar que a **hipótese 2** traçada nesse estudo foi refutada. Por outro lado, Beato, Peixoto e Viegas (2004), como Lopes Neto (2005), confirmam que a ausência de adultos favorecem as ocorrências de *bullying*. A escola e profissionais da educação precisam ser capazes de identificar o *bullying* e diferenciá-lo das brincadeiras das crianças, como também dos outros tipos de violência, sem medo de perda de clientela ou qualquer tipo de condenação (LOPES NETO, 2005; FANTE, 2008).

Tabela 4: Grau de importância para cada ação em caso de *bullying*.

	Itens	M	DP
1	Alertar os pais e responsáveis tanto do aluno agressor quanto do aluno agredido.	9,10	1,95
2	Reconhecer que a violência é um problema social.	8,26	2,41
3	Desenvolver ações e programas preventivos com alunos e suas respectivas famílias.	8,80	2,04
4	Reconhecer prejuízos da agressão para o desenvolvimento da personalidade do aluno.	8,41	2,22
5	Realizar um diagnóstico do comportamento do aluno para encaminhamento a atendimentos especializados (psicólogo, psiquiatra infantil, orientador pedagógico, etc.)	8,61	2,20
6	Discutir com toda a comunidade a questão da violência e do <i>Bullying</i> .	8,05	2,63
7	Saber dos alunos quais agressões já sofreram na escola.	8,19	2,51
8	Desenvolver ações pedagógicas para trabalhar com as emoções e os sentimentos dos alunos.	8,84	1,83
9	Incentivar comportamentos de solidariedade, tolerância e respeito às diferenças individuais.	9,18	1,51
10	Estar atentos às relações interpessoais e observar o comportamento e o estado emocional dos alunos.	8,58	2,13
11	Observar a expressão fisionômica e as reações das vítimas de <i>Bullying</i> quando do ataque agressivo de um colega.	8,12	2,46
12	Procurar atender tanto a vítima quanto o aluno agressor.	8,33	2,57

## Percepção de docentes a respeito da prática de *Bullying* na escola.

Alexandre de Paula e Silva



13	Procurar ajuda de um Conselheiro tutelar para orientar familiares e os praticantes da agressão.	8,0	2,80
14	Punir de alguma forma o aluno agressor aplicando-lhe a penalidade prevista no Regimento Interno da escola.	8,10	2,38
15	Perceber ou monitorar as habilidades ou dificuldades que possam ter jovens em seu convívio social.	9,52	2,32
16	Desenvolver ações que priorizem a conscientização geral a respeito do <i>Bullying</i> e suas consequências.	8,74	2,02
17	Dar apoio às vítimas do <i>Bullying</i> .	8,94	1,86
18	Garantir um ambiente escolar seguro e sadio.	9,03	1,88
19	Conscientizar os agressores sobre a inadequação dos seus atos.	9,03	1,88
20	Comunicar e conversar com a família do agressor.	8,97	2,0
21	Discutir o assunto da agressão em sala de aula sem expor os alunos envolvidos (agressor e vítima).	8,59	2,24

Legenda: M=Media, DP= desvio padrão

Escala 10 pontos, sendo 0=nada importante, 10=muito importante.

Amostra: 69 participantes

Fonte: Pesquisa de campo

Os itens assinalados pela amostra que apresentaram maior média foram respectivamente em ordem decrescente: "perceber ou monitorar as habilidades ou dificuldades que possam ter jovens em seu convívio social" (M=9,52 e DP=2,32); "Incentivar comportamentos de solidariedade, tolerância e respeito às diferenças individuais" (M=9,18, DP=1,51); "alertar os pais e responsáveis tanto do aluno agressor quanto do aluno agredido (M=9,10 e DP=1,95); "garantir um ambiente escolar seguro e sadio" (M=9,03 e DP=1,88); "conscientizar os agressores sobre a inadequação dos seus atos" (M=9,03 e DP=1,88); "comunicar e conversar com a família do agressor" (M=8,97 e DP=2,0); "dar apoio às vítimas do *Bullying*" (M=8,94 e DP=1,86); "desenvolver ações pedagógicas para trabalhar com as emoções e os sentimentos dos alunos" (M=8,84 e DP=1,83); "desenvolver ações e programas preventivos com alunos e suas respectivas famílias" (M=8,80 e DP=2,04). Os resultados indicam elevada concordância entre os respondentes no que diz respeito às 21 providências apresentadas como necessárias à intervenção da escola e/ou profissional da educação.

Em síntese, dos 21 comportamentos listados no questionário, obteve-se uma média variando de 8,0 a 9,52 e desvio padrão num



intervalo de 1,51 a 2,80. Esses dados podem estar indicando que a amostra reconhece a necessidade de medidas enérgicas e urgentes para combate do *bullying* no ambiente escolar. Tais dados reforçam Charlot (2002), Oliveira e Martins (2007) e Smith (2008) no que destacam ser imprescindível a identificação e atendimento de vítimas e agressores de modo a evitar um aumento progressivo da violência no ambiente escolar, visto que escola e família devem priorizar o diálogo na construção de uma visão crítica com relação ao *bullying*.

## CONCLUSÃO

Os objetivos inicialmente propostos nesse estudo foram alcançados, na medida em que foram identificados na percepção da amostra de profissionais da educação os comportamentos de *bullying*, os possíveis sinais e sintomas nos alunos vítimas de *bullying*, os principais fatores que dificultam situações de *bullying* e as ações de intervenção que poderiam ser desenvolvidas pela escola e o profissional da educação. Desse modo, pode-se concluir que os participantes do estudo conseguem identificar os principais comportamentos caracterizados como *bullying* direto e percebem a gravidade dessa prática no ambiente escolar, quando ressaltam a relevância de ações a serem tomadas pelos educadores e escola como forma de intervenção e combate a esse tipo de comportamento. Foram confirmadas as hipóteses 1 e 3, pois a maioria dos participantes reconhecem o *bullying* direto e, com menor frequência, o *bullying* indireto. A hipótese 2 foi refutada, uma vez que a maioria dos pesquisados não considera que os meninos sejam naturalmente mais agressivos do que as meninas. Talvez porque as meninas estejam com maior frequência utilizando o *bullying* direto do que o indireto, conforme indica literatura.

Ainda que a maioria dos participantes afirme ser necessário maior conhecimento sobre o *bullying*, essa mesma amostra reconhece como

Percepção de docentes a respeito da prática de *Bullying* na escola.

Alexandre de Paula e Silva



sendo muito importantes ações da escola e dos profissionais da educação para impedir a manifestação, progressão e consequências do *bullying*.

O comportamento de *bullying* precisa ser identificado pelos profissionais e, em conjunto com a família, desenvolver ações para atender às solicitações de ajuda, tanto dos agressores quanto das vítimas, de modo a tornar a escola um espaço propício ao desenvolvimento das competências e habilidades sociais, como a assertividade. Sugerem-se novos estudos a fim de investigar exatamente quais medidas estão efetivamente sendo tomadas pelos diretores e profissionais da educação no ambiente escolar para combate ao *bullying*.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, D.C., ZUIN, A. A. S. *Do bullying ao preconceito: os desafios da barbárie à educação*. Psicologia e Sociedade. v. 20, n.1, p.33-42, 2008.

AQUINO, J. G. A violência escolar e a crise da autoridade docente. *Cadernos Cedes*. Ano XIX, n. 47, p.7-13, Dez/1998.

ARONSON, E., WILSON, T. D., AKERT, T.M. *Psicologia Social*. 3ªed. Rio de Janeiro: LTC, 2002.

BANDEIRA, L, BATISTA, A. S. Preconceito e discriminação como expressões de violência. *Estudos feministas*. Ano 10.10 semestre, 2002.

BEATO, F. C., PEIXOTO, B.T., VIEGAS-ANDRADE, M. Crime, oportunidade e vitimização. *Revista brasileira de Ciências Sociais*. v. 19. n.55. junho/2004.

CALIMAN, G. Estudantes em situação de risco e prevenção. *Ensaio: Aval. Políticas Públicas Educação*. Rio de Janeiro.v.14.n.52,p383-396,2006.

CHARLOT, B. *A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão*. Sociologias. Porto Alegre, ano 4, n.8, p.432-443, Julho/dez 2002.

CHRISPINO, A. Gestão do conflito escolar: da classificação aos modelos de mediação. *Ensaio Avaliação Políticas Públicas*. Educação. Rio de Janeiro.v.15,n.54,p.11-28, jan/mar.2007.

Percepção de docentes a respeito da prática de *Bullying* na escola.

Alexandre de Paula e Silva



FALEIROS, V.P., FALEIROS, E.S. *A escola que protege: enfrentando a violência contra crianças e adolescentes*. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, 2007.

FANTE, C. & PEDRA, J. A. *Bullying escolar: perguntas e respostas*. Porto Alegre: Artmed, 2008.

GRANVILLE-GARCIA, A. F., SOUZA, M.G.C., MENEZES, V.A., BARBOSA, R.G., CAVALCANTI, A. L. Conhecimento e percepção de professores sobre maus tratos em crianças e adolescentes. *Saúde sociedade*. v.18, n. 1. São Paulo, p.131-140, 2009.

KRISTENSEN, C.H., LIMA, J.S., FERLIN, M., FLORES, R.Z., HACKMANN, P. H. Fatores etiológicos da agressão física: uma revisão teórica. *Estudos de Psicologia*. v.8, n.1, p.175-184, 2003.

LISBOA, C., KOLLER, S.H., RIBAS, F.F., BITENCOURT, K., OLIVEIRA, L., PORCIUNCULA, L.P., DEMARCHI., R. B. Estratégias de  *coping*  de crianças vítimas e não vítimas de violência domestica. *Psicologia: reflexão e crítica*, v.15, n. 2, p.345-362, 2002.

LOPES NETO, A. A. *Bullying*: comportamento agressivo entre estudantes. *Jornal de Pediatria*. v.81.n.5, 164-172p, 2005.

MALDONADO, D.P.A., WILLIAMS, L.C.A. O comportamento agressivo de crianças do sexo masculino na escola e sua relação com a violência domestica. *Psicologia em estudo*. v.10, n.3.p.353-362, set/dez 2005.

OLIVEIRA, E. C. S., MARTINS, S.T.F. Violência, sociedade e escola: da recusa do diálogo à falência da palavra. *Psicologia e sociedade*. v.19,n.1, p.90-98.jan/abril 2007.

PAIS, J. M. Máscaras, jovens e escolas do diabo. *Revista brasileira de Educação*. v.13.n.37,jan/abr.2008.

PALÁCIOS, M., REGO, S. *Bullying*: mais uma epidemia invisível? *Revista brasileira de Educação Medica*. Rio de Janeiro. v.30, n.1.jan/abr, 2006.

RODRIGUES, A. *Psicologia Social*. 18ªed. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

SIQUEIRA, M. D. A vida escorrendo pelo ralo: as alternativas de existência dos meninos de rua. *Estudos de Psicologia*, v.2, n.1. p.161-174, 1996.

SISTO, F. F. Aceitação-rejeição para estudar e agressividade na escola. *Psicologia em Estudo*. Maringá. v.10,n. 1,p.117-125, Jan/abril 2005.

Percepção de docentes a respeito da prática de *Bullying* na escola.

Alexandre de Paula e Silva



SMITH, D. D. *Introdução à Educação Especial*. 5ªed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

SOUZA FILHO, M. L., ARAÚJO, A. G. T., LIMA, F. L. A. SOUZA, D.M.F. Crenças normativas sobre a agressão: validação de uma escala e considerações acerca de diferenças de gênero. v.15, n. 31. p.259-267, 2005.

SOUZA, M. A., CASTRO, R. E. F. Agressividade infantil no ambiente escolar: concepções e atitudes do professor. *Psicologia em Estudo*. Maringá. v.13, n.4, p.837-845, out/dez.2008.

SPOSITO, M. P. Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil. *Educação e Pesquisa*. v. 27.n. 1,p87-103, jan/jul-2001.

VERGARA, S.C. *Métodos de Pesquisa em Administração*. 3 ed. São Paulo: Atlas, 2008.